



“TRILHA SONORA”: AMPLIANDO A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E CONHECENDO A FAUNA LOCAL

NATÁLIA DOS SANTOS MAMEDE; FERNANDA AGOSTINHO – BRIDGE GESTÃO
SOCIAL

RESUMO

O presente relato apresenta as temáticas percepção ambiental e fauna através da aplicação de uma trilha interpretativa denominada “Trilha sonora” fazendo alusão tanto aos sons do meio ambiente, com destaque para as vocalizações dos animais. Tal atividade contou com um total de 49 participantes, entre eles adolescentes e adultos, e foi conduzida em um fragmento de floresta da Mata Atlântica, no Biocentro Gerdau Germinar, Ouro Branco, Minas Gerais. Os participantes foram convidados a perceberem e compararem as características ambientais dentro e fora da trilha, com o objetivo de exercitarem sua percepção ambiental. A fauna foi abordada por meio da simulação de vestígios deixados pelos animais na trilha. Foram selecionadas quatro espécies da fauna local: cachorro-do-mato, guaxinim ou mão-pelada, lobo-guará e onça parda. Ao percorrerem a trilha os participantes também tinham a oportunidade de encontrar as pegadas e ouvir os sons emitidos pelos animais através de uma gravação. As informações contempladas na trilha sobre cada uma dessas espécies foram disponibilizadas, por meio de “QR Code” aos participantes. A identificação de vestígios e pegadas possui caráter educativo, ao auxiliar discussões que envolvam conceitos relacionados à valorização da biodiversidade local como no caso do presente relato. Inicialmente, os participantes acreditaram que as vocalizações eram de animais que poderiam estar na trilha, demonstrando surpresa e curiosidade ao tentarem identificar não somente os sons, como também de quem eram aquelas pegadas. Atividades de imersão em trilhas interpretativas tem se mostrado como uma ferramenta interessante e eficaz nas dinâmicas de Educação Ambiental em espaço formais e não formais, com diversas faixas etárias, públicos e contextos.

Palavras-chave: Biodiversidade; Educação Ambiental; Pegadas; Percepção Ambiental; Vocalizações.

1 INTRODUÇÃO

Nossa biodiversidade ainda é pouco conhecida e valorizada, o que pode contribuir para a crescente ameaça as espécies nossa da fauna em decorrência da destruição de seus habitats. Um maior conhecimento sobre os animais de nossa fauna estimularia o interesse da sociedade pela proteção desse patrimônio inestimável e contribuiria, em última análise, para melhorar nossa qualidade de vida (Graipel, 2008).

A Educação Ambiental sensibiliza e capacita a população em geral sobre os problemas ambientais. Uma das suas principais características é ser um processo abrangente, ou seja, que extrapola as atividades internas da escola tradicional, envolvendo toda a coletividade e grupos sociais. Além disso, deve ser contextualizadora, atuando diretamente na realidade de cada comunidade, e utilizar diferentes ambientes educativos, uma ampla gama de métodos para comunicar e adquirir conhecimentos sobre o meio ambiente, privilegiando as atividades práticas e as experiências pessoais (Marcatto, 2002).

Uma das ferramentas da Educação Ambiental são as Trilhas interpretativas, elas

possuem um importante papel ao oportunizarem aos visitantes uma forma de transmissão de conhecimentos, contato e interação com o ambiente (Costa, 2017; Amaral, Coutinho, Carvalho, 2020). São atividades que revelam significados, pois se constituem como um instrumento pedagógico que possibilita a diversificação de experiências, proporcionando a reflexão e a sensibilização (Buzatto & Kuhnen, 2020).

Nesse contexto, uma Trilha interpretativa, com foco na fauna local, foi realizada em um fragmento do bioma Mata Atlântico com membros das comunidades que estão localizadas em suas proximidades.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Este relato de caso/ experiência refere-se a uma Trilha interpretativa conduzida em um fragmento de floresta da Mata Atlântica, no Biocentro Gerda Germinar, Ouro Branco, Minas Gerais. Realizada no dia 02 de julho de 2022, incluiu um total de 49 participantes, entre eles adolescentes e adultos. O Biocentro é um espaço exclusivo para a prática da Educação Ambiental, estudos e pesquisas. Situado aos pés do Parque Estadual da Serra de Ouro Branco e às margens do Lago Soledade, em Ouro Branco (MG), abriga a RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural – Luiz Carlos Jurovsky Tamassia.

Tal atividade faz parte do Programa de Educação Ambiental (PEA) para o público externo referente a um empreendimento, que se enquadra no licenciamento ambiental de acordo com a Deliberação Normativa Copam 214/2017 atualizada pela DN 232/2020. Os participantes eram representantes das comunidades localizadas na área sujeita aos impactos ambientais diretos da implantação e operação da atividade ou empreendimento, visando apresentar a correlação dos impactos ambientais do empreendimento sobre elas. Essas comunidades constituem a Área de Abrangência da Educação Ambiental (ABEA) do empreendimento. A realização do PEA é responsabilidade da Bridge Gestão Social.

As atividades elencadas para esse público, consideram os resultados dos Diagnósticos Socioambientais Participativos – DSPs e Devolutivas construídos coletivamente com as comunidades dos bairros e localidades das ABEAs.

Oficinas são realizadas, em média, a cada trimestre, com esse público e buscam atender a objetivos dos módulos educacionais elaborados especificamente para esse PEA. O módulo educacional dessa atividade buscava a ampliação da percepção sobre as potencialidades locais relacionadas ao patrimônio ambiental regional, além de informações sobre a conservação da fauna local.

Uma trilha interpretativa foi conduzida com os participantes que foram divididos em dois grupos. Antes do seu início, orientações sobre o percurso foram repassadas aos participantes (Fig.01). Na entrada da trilha, todos foram convidados a perceberem as características ambientais como o visual de corpos d'água ou seus respectivos sons, a beleza cênica da paisagem, vestígios ou presença de fauna, temperatura, umidade do ar, velocidade do vento, presença de animais, cheiros, diversidade e ainda conforto. O objetivo desse momento era exercitar a percepção ambiental, destacando as características ambientais que mudam ao entrarmos em um fragmento de floresta. Logo, ao longo da trilha, tais características foram instigadas a serem sentidas e observadas pelos participantes.

A fauna foi abordada por meio da simulação de vestígios deixados pelos animais na trilha. Foram selecionadas quatro espécies da fauna da região: cachorro-do-mato, guaxinim ou mão-pelada, lobo-guará e onça parda. A atividade contemplou especialmente a reflexão dos seguintes tópicos: caracterização desses animais, habitat, hábito alimentar, vestígios como pegadas e vocalizações, além da discussão sobre os impactos antrópicos na conservação dessas espécies.

Previamente a entrada dos participantes na trilha, as pegadas foram posicionadas de forma que eles conseguissem encontrá-las. Um dos membros da equipe de instrutores, também

estava posicionado mais à frente na trilha com uma caixa de som portátil e tinha o papel de ativar o som com a gravação das vocalizações dos animais selecionados.

Enquanto os participantes adentravam a trilha eles percebiam as características físicas do ambiente (Figs.02 e 03), mas também tinham a oportunidade de encontrar as pegadas e ouvir os sons emitidos pelos animais através da gravação. As vocalizações eram iniciadas anteriormente a localização da pegada correspondente aquela espécie, criando no imaginário dos participantes a ideia de que aquele indivíduo estava na trilha e poderia ser visto a qualquer momento. Assim que a pegada era encontrada, ou seja, mais um vestígio deixado por esse animal, os tópicos anteriormente descritos que caracterizam cada espécie eram abordados. Ao decorrer da trilha as quatro espécies, através de seus vestígios e dos tópicos abordados foram apresentadas aos participantes.



Figura 01. Participantes sendo orientados sobre a dinâmica da trilha interpretativa.



Figura 02. Simulação da pegada de Onça-parda posicionada na trilha interpretativa



Figura 03. Participantes durante a trilha interpretativa observando uma das pegadas.

Ao final da trilha, os participantes foram convidados a compararem as características ambientais percebidas dentro desse fragmento de floresta, com aquelas agora já fora da trilha.

Quando retornaram ao prédio do Biocentro, foram disponibilizadas, por meio de “QR Code” (Fig.04), as informações contempladas na trilha sobre cada uma dessas espécies. Links disponíveis para acesso a esse material



Figura 04. Participante acessando o QR Code com as informações sobre a espécie Mão-pelada, contemplada na atividade. Ao lado, QRCode para acesso ao material disponibilizado sobre a espécie Lobo-guará.

3 DISCUSSÃO

Trilhas interpretativas são percursos que vão além de uma caminhada na mata; que possuem não somente a possibilidade de transmitir conhecimento, mas também de propiciar atividades que revelam os significados e as características do ambiente (Blengini *et al.*, 2019). O fato de a trilha ter sido conduzida em um fragmento de floresta do bioma Mata Atlântica, é uma excelente oportunidade para informar e sensibilizar sobre esse que é um dos biomas mais devastados do país. Hoje o bioma Mata Atlântica conta com apenas 29% de florestas preservadas, em relação à cobertura florestal original (RAD 2023). A perda de área nessa magnitude significa uma tragédia em termos de conservação da biodiversidade e manutenção de processos naturais vitais dos quais nós dependemos (Agência Senado, 2024)

A identificação de vestígios e pegadas possui caráter educativo, ao auxiliar discussões que envolvam conceitos relacionados à valorização da biodiversidade local (Berlinck; Lima, 2007) como no caso do presente relato. Inicialmente, os participantes acreditaram que as vocalizações eram de animais que poderiam estar na trilha, demonstrando surpresa e curiosidade ao tentarem identificar não somente os sons, como também de quem eram aquelas pegadas. Durante a identificação de cada uma das espécies, por meio dos vestígios e características descritivas apresentadas, alguns participantes relataram já terem avistados uma ou mais pegadas e vocalizações simuladas na trilha. Além disso, enriqueceram ainda mais o momento, com dúvidas e relatos de observações feitas por eles próprios ou repassadas por familiares e amigos sobre as espécies.

De acordo com Souza (2014, p. 251): 230

A Educação Ambiental não é simples educação informativa, mas processual e como tal visa transformações: de comportamento, de postura, de visão crítica, de conduta ética etc., de construção de valores éticos que contribuam para o processo de conservação e preservação ambiental. Portanto, considera-se que a educação ambiental e a possibilidade de sensibilização através do desenvolvimento de atividades no ambiente de trilhas ecológicas e/ou interpretativas constituem-se em ferramentas fundamentais na busca por uma sociedade que reflita sobre a problemática ambiental de maneira crítica e que tais reflexões não se limitem apenas ao plano das ideias, mas que elas se tornem atitudes, materializadas em uma relação de valorização para com o meio.

A sensibilização é um passo inicial no processo educativo e considera-se que a trilha é

metodologia fundamental nesse processo, prioritariamente da Educação Ambiental não formal. A trilha é uma oportunidade de contato da pessoa com a natureza e, assim, sensibilizar através da ampliação de sua percepção ambiental, podendo despertar os sentimentos de preservação e conservação (Souza, 2014).

É sabido o papel da Educação Ambiental no meio escolar, espaços formais de ensino, em nossa rotina diária, nos espaços públicos, mas também é importante que se estenda cada vez mais ao meio corporativo (Séguin; Figueiredo, 2011) sobretudo nos empreendimentos de extração e transformação. Se expandindo também, além dos espaços físicos desses empreendimentos, mas chegando até as comunidades do seu entorno.

4 CONCLUSÃO

Atividades de imersão em trilhas interpretativas têm se mostrado como uma ferramenta interessante e eficaz nas dinâmicas de Educação Ambiental em espaço formais e não formais, com diversas faixas etárias, públicos e contextos. A Educação Ambiental no contexto corporativo pode ser contextualizadora e abrangente indo além dos formatos já conhecidos de atividades em datas comemorativas.

REFERÊNCIAS

Agência Senado, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/01/bioma-mais-devastado-mata-atlantica-luta-para-manter-biodiversidade>. Acesso em 12 de Agosto de 2024.

AMARAL, C. P., COUTINHO, C., & CARVALHO, M. L. C. (2020). Trilha interpretativa: aliando atividade física aos conceitos biológicos numa proposta de Educação Ambiental. *Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)*, 15(1), 27–43. <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.9567>

BLENGINI, I. A. D.; LIMA, L. B.; SILVA, I. S. M.; RODRIGUES, C. Trilha interpretativa como proposta de Educação Ambiental: um estudo na RPPN do Caju (SE). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.12, n.1, p.142-161, 2019.

BUZATTO, L.; KUHNEN, C. F. C. 2020. Trilhas Interpretativas Uma Prática Para A Educação Ambiental. *Revista Vivências*. Erechim, v. 16, n. 30, p. 219-231 <https://doi.org/10.31512/vivencias.v16i30.151>

COSTA, S. DE O. Bases florísticas para construção de trilha interpretativa e programas de Educação Ambiental na empresa Radio Hotel (SERRA NEGRA, SP). *Revista Brasileira De Educação Ambiental*, 2017. 12(1), 209–223. <https://doi.org/10.34024/revbea.2017.v12.2028>.

GRAIPEL, M. (2008). Como preservar nossos valores naturais?. *Ciência Hoje*. 43. 66-69.

MARCATTO, C. Educação ambiental: conceitos e princípios. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p.

PADOAN, L.; JÚNIOR, H. M. Interpretação ambiental e trilhas interpretativas: elaboração de uma proposta de trilha interpretativa para a Serra do Catete, Ouro Preto, Minas Gerais. In: Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 10., 2014. Rio de Janeiro. Anais do X Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Rio de Janeiro, 2014.

RAD2023: Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2023 - São Paulo, Brasil - MapBiomias, 2024 - 154 páginas <http://alerta.mapbiomas.org>

SÉGUIN, E.; FIGUEIREDO, G. P. (Org.) Meio Ambiente no Trabalho. Educação Ambient
SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. Net, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista.
Disponível em: <http://www.brazilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>. Acesso em: 28 nov.
1998.

SOUZA, M. C. da C. Educação ambiental e as trilhas: contexto para a sensibilização ambiental.
Revista Brasileira de Educação Ambiental, São Paulo, V.9. 239-253. 2014. Disponível em:
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea>.